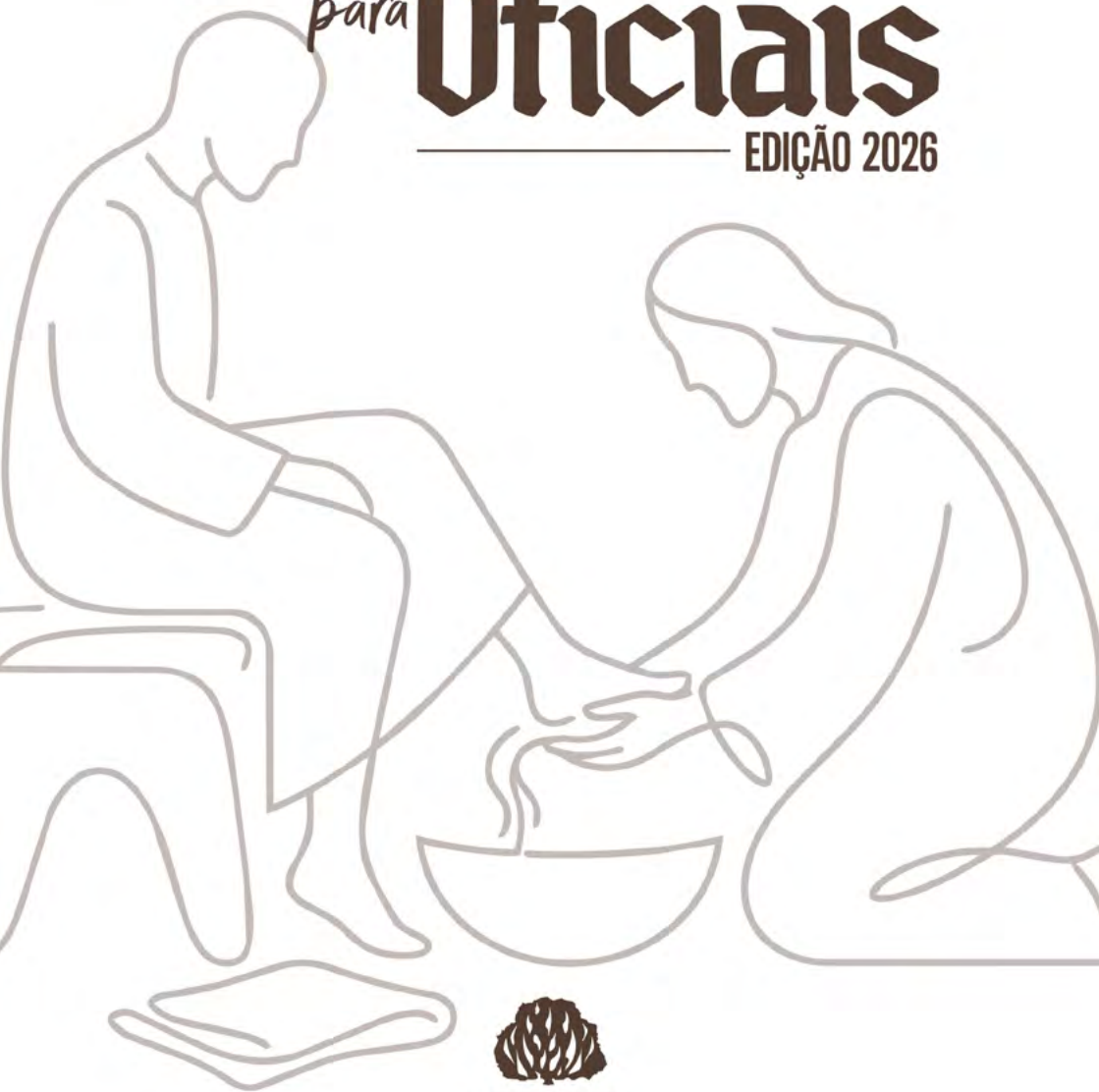


Treinamento para **Oficiais**

EDIÇÃO 2026



IPC�

Treinamento para **Oficiais**

EDIÇÃO 2026

Organizado por
Pastor Márcio Ambrosim Almeida

1ª Edição | 2026

Santa Bárbara d'Oeste
Igreja Presbiteriana Cidade Nova



IPCN

SUMÁRIO

1	Introdução.....	7
2	Quanto ao ofício da diaconia	9
	2.1 Como os diáconos têm atuado	10
	2.2 Seis conceitos populares sobre os diáconos.	13
	2.3 Requisitos positivos	15
	2.4 Requisitos negativos	17
3	Quanto ao ofício do presbiterato	19
	3.1 Presbíteros Docentes e Presbíteros Regentes.....	19
	3.2 Requisitos positivos	22
	3.3 Requisitos negativos	25
4	A divisão do trabalho: Atos 6.1-15.....	27
	4.1 Diáconos são amortecedores de choque	28
	4.2 O que os diáconos devem fazer.....	29
5	Procedimento bíblico.....	37
	5.1 Princípios para a seleção de oficiais	38
	5.2 A instrução da congregação.....	43
	5.3 O Conselho pode propor a eleição e ordenação de seus oficiais.....	44
6	Constituição Interna/IPB	49
7	Referências Bibliográficas	53

1 INTRODUÇÃO

Uma das decisões mais importantes que uma congregação pode fazer é a de selecionar oficiais. Os oficiais que são escolhidos pela congregação serão os líderes da igreja e estabelecerão a direção do seu ministério. Esta é a razão pela qual é da mais alta importância que cada membro conheça os requisitos bíblicos para eleger os presbíteros e diáconos, e o procedimento para tal seleção. Se nisto a congregação cometer erros, as consequências serão desastrosas para a vida e serviço da igreja, bem como serão difíceis de serem superados. Assim, o propósito deste material é prover, aos membros da igreja, uma clara apresentação do ensino básico da Escritura e da CI/IPB (**Constituição Interna da Igreja Presbiteriana do Brasil**) acerca dos procedimentos para eleição de oficiais mas, antes de tudo, homens de Deus.

2 QUANTO AO OFÍCIO DA DIACONIA

Acima de tudo, os crentes em Cristo são aqueles que andam nos passos do diácono por excelência, o servo sofredor que **“não veio para ser ‘diaconado’, mas para ‘diaconar’ e dar sua vida como resgate por muitos” MC 10.45.** Em suma, *diakonos* é, comumente, apenas o termo genérico para designar, na verdade, um **“servo”**.

“Servir como diácono” não se trata apenas do título de uma função ministerial. Consiste em um dos dois ofícios estabelecidos pelo Novo Testamento para a igreja local: Diácono e Presbítero.

Cabe a pergunta: **Quão crucial é o serviço diaconal à saúde da igreja?** A verdade é que, quando seu papel é bem entendido e

eles são utilizados da forma correta, são uma dádiva insubstituível para a igreja de Cristo.

Por outro lado, uma igreja sem um diaconato bíblico pode apresentar sinais de saúde por um momento, mas com o passar do tempo a saúde dela será abalada. Por isso, quando os diáconos se desenvolvem, a congregação toda ganha.

2.1 Como os diáconos têm atuado

1) IGREJA PRIMITIVA (30 D.C. – 100 D.C.) E PATRÍSTICA (100 D.C. – 313 D.C.)

Os diáconos ocupavam um lugar de honra nos primeiros séculos do cristianismo. Com base no precedente de **ATOS 6.1-7**, os diáconos na igreja primitiva estavam encarregados de, com amor e temor a Deus, apoiar o trabalho dos pastores ao cuidar das preocupações “**exteriores**” ou “**físicas**” da vida da igreja.

Na verdade, esse tipo de amor arriscado e dedicado confundiu o mundo romano. Como observou o bispo africano Tertuliano (155-220 d.C.): “**Nosso cuidado para com os desamparados e nossa prática de ternura nos destacam aos olhos de muitos de nossos oponentes. ‘Apenas olhem’, eles dizem, ‘vejam como eles se amam!’**”.

À medida que a igreja procurou administrar a expansão geográfica e que heresias diversas surgiam para ameaçar a fé, desenvolveu-se uma hierarquia formal a fim de simplificar – e centralizar – a autoridade para a tomada de decisões em torno do ofício do bispo. Passam a existir agora três: **bispos (supervisores)**, **presbíteros (pastores ou sacerdotes)** e **diáconos**. Com o

surgimento desse sistema de “**episcopado monárquico**” – um bispo para a supervisão de uma área geográfica, o papel primário dos diáconos passou, em essência, de agentes de caridade para secretários do bispo.

Mark Dever escreveu: **O arqui-diácono era o diácono principal de determinada localidade e poderia ser descrito como um representante encarregado das questões materiais. [...] Mais tarde, abusos deformaram o ofício do diácono, e os diáconos – em especial os arqui-diáconos – tornaram-se muito ricos. Que irônico: quem deveria servir aos outros, em vez disso, passou a usar as outras pessoas para servirem a seus desejos!**

II) IDADE MÉDIA (476 D.C. – 1453 D.C.)

Com o afastamento da obra de caridade, dois desdobramentos ocorridos na Idade Média causaram a deterioração ainda maior do diaconato:

Primeiro, o ofício foi reduzido a um mero trampolim para o sacerdócio.

Segundo, e ainda mais preocupante, a doação como caridade passou a ser considerada um meio de alguém salvar a própria alma e de diminuir o tempo de outra pessoa no purgatório.

III) REFORMA: A INFLUÊNCIA DE JOÃO CALVINO (1517 D.C. – 1648 D.C.)

João Calvino, após o retorno a Genebra em 1541, seu primeiro ato como pastor foi apresentar ao Conselho da cidade um plano detalhado para a ordem e o governo da igreja. Pediam

a instalação de diáconos juntamente com pastores, doutores **(mestres)** e presbíteros.

Os diáconos eram oficiais públicos da igreja a quem eram confiados o cuidado dos pobres. Ele insistia em que fossem qualificados na fé cristã, pois, no decorrer de seu ministério, **“eles frequentemente deverão dar conselhos e consolo”**. Calvino admitiu que o diaconato poderia servir às vezes de **“berçário de onde os presbíteros são escolhidos”**; contudo, ele se opôs ao costume romano de fazer do diácono o primeiro passo para o sacerdócio.

IV) DA REFORMA AO TEMPO ATUAL

Desde que Calvino deu nova atenção ao diaconato, mais de cinco séculos atrás, o ofício assumiu várias formas entre os protestantes. Na tradição presbiteriana e reformada, os diáconos sempre atuaram sobretudo como ministros de misericórdia, cuidando dos necessitados e angustiados e muitas vezes ajudando a supervisionar as finanças da igreja.

2.2 Seis conceitos populares sobre os diáconos.

Algumas perguntas rondam as igrejas diante dos candidatos ao diaconato:

PASTOR EM TREINAMENTO:

“Ouví que você será diácono! Quanto tempo você acha que vai demorar até ser presbítero?”

O serviço diaconal é muito importante e glorioso, para representar apenas um trampolim para algo mais.

FAZ TUDO:

“Você é bom para consertar as coisas. Você deveria ser diácono”.

Um diácono é muito mais que alguém que conhece bem a loja de materiais de construção. É preciso conhecer bem a Bíblia.

HOMEM DAS PLANILHAS:

“O orçamento da nossa igreja está uma bagunça. Porque não fazemos daquele irmão um diácono? Afinal, ele não vive de resolver problemas financeiros das pessoas?”

A grande pergunta deve ser: será que ele é um cristão maduro?

A eficiência com planilhas é uma habilidade bem-vinda, mas não é suficiente para receber

um ofício na casa de Deus **1TM 3.15**.

EMPRESÁRIO:

“Esta igreja precisa mesmo de alguns diáconos decididos e com tino comercial”.

Mais uma vez, será que são maduros? A experiência com a liderança executiva pode ser um forte trunfo, mas não é indicação de saúde espiritual.

IRMÃO DO CONTRA:

“Qual será o sentido de sermos diáconos caso digamos apenas ‘sim, senhor’, para tudo? Afinal, quem seria melhor para dizer ao pastor e presbíteros o que fazer?”.

Senso crítico apurado e construtivo sempre é bem vindo. Um “**sim**”, “**não**” ou “**aguarde**” em tempo oportuno faz toda diferença. Porém, não é o fator principal para alguém exercer um ofício na igreja.

FALSO PRESBÍTERO:

“Aqui, o pastor discursa e os diáconos agem. Se você quiser algo importante seja feito por aqui, convença os diáconos.”.

Quando os diáconos começam a agir como pastores da congregação ou como um comitê a supervisionar as equipes, a descrição bíblica da função dos diáconos se torna confusa. Embora essa possa não ser a intenção, muitas vezes é o

resultado.

Quer o papel dos diáconos em sua igreja tenha sido aumentado, quer tenha sido reduzido na forma errada, a solução não é passar de um extremo ao outro, mas restaurar os diáconos ao propósito bíblico pretendido e ao papel bíblico insubstituível.

Diáconos são como uma **“cavalaria de servos”**, encarregados de pôr em prática a visão dos presbíteros mediante a coordenação dos vários ministérios. Os diáconos são como a força de operação especiais de uma congregação, pois realizam tarefas que passam despercebidas com força moral e alegria.

Portanto, antes de tudo, olhe para sua atitude, seu caráter, sua vida.

- ☐ Ele está pronto para ouvir, ou está ansioso para ser ouvido?
- ☐ Ele é humilde e flexível, ou quer que tudo seja feito do seu jeito?
- ☐ Ele deseja status ou quer servir?

Felizmente, não precisamos inventar as qualificações para a diaconia – a Bíblia as oferece claramente.

2.3 Requisitos positivos

O apóstolo Paulo trata mais amplamente dos requisitos para o ofício de diácono em **1 TIMÓTEO 3.8-13**. As qualificações estão enumeradas com uma breve explicação de cada uma delas.

“Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos. Devem apegar-se ao mistério da fé com a

consciência limpa. Devem ser primeiramente experimentados; depois, se não houver nada contra eles, que atuem como diáconos. As mulheres igualmente sejam dignas, não caluniadoras, mas sóbrias e confiáveis em tudo. O diácono deve ser marido de uma só mulher e governar bem seus filhos e sua própria casa. Os que servirem bem alcançarão uma excelente posição e grande determinação na fé em Cristo Jesus.” (1Tm 3.8-13)

DIGNOS: O diácono deve ser um homem de dignidade, respeitável, seriedade de propósito. Não ser grosseiro, nem de más maneiras no cuidado das necessidades do povo de Deus.

CONSCIÊNCIA LIMPA: O diácono deve ser um homem que esteja **“mantendo a fé com clara consciência,”** literalmente significa **“com limpa (*kathera*) consciência”**.

FÉ: Como o **“depósito”** da doutrina cristã revelada por nosso Senhor e o ministério dos apóstolos. É chamado de **“mistério”** porque somente é conhecida por Deus quem a revelou mediante os profetas e apóstolos, e porque somente é verdadeiramente conhecida quando Deus a aplica ao coração pela soberana obra do Espírito Santo.

EXPERIMENTADOS: O diácono deve ser alguém que evidencia firmeza na santa fé e que o faz com consciência limpa de qualquer pecado não confessado ou de algum motivo impuro. Deve abraçar a fé, motivado por uma sincera consciência de sua pecaminosidade, e de um coração genuinamente arrependido.

NADA CONTRA ELES: Significa, **“o que não pode questionar-se”** após uma profunda investigação não se encontra nada contra o que acusá-lo. Ser diácono na igreja de Cristo somente após

passar por um período de avaliação. Em **ATOS 6.3** os apóstolos exigem que estes homens, que servirão a congregação, devem ser “**homens de boa reputação**”. Se um homem não tem boa reputação, e se há alguma reprovação contra ele, então, não cumpre os requisitos para servir como diácono.

MARIDO DE UMA SÓ MULHER: Se o potencial diácono é casado deve caracterizar-se por uma **inquestionável fidelidade a sua esposa**. Um homem não está qualificado para cuidar das necessidades da esposa de Cristo (a igreja), se houver a menor dúvida de sua fidelidade por sua própria esposa! Se o potencial diácono não é casado, este deve caracterizar-se **por uma pureza e solteirice de coração pelos preceitos bíblicos do matrimônio e do sexo**.

GOVERNAR BEM SEUS FILHOS E SUA PRÓPRIA CASA: Se há filhos no lar, estes devem estar **claramente sob a sua autoridade e controle**. Os seus filhos devem ser disciplinados. O diácono deve treinar os seus filhos nas doutrinas da Palavra de Deus. Se um homem não pode cuidar das necessidades de seu próprio lar, como poderá cuidar das necessidades da família de Deus?

2.4 Requisitos negativos

HOMENS DE PALAVRA: A indicação é que em seu conhecimento íntimo das necessidades das pessoas, possa ser tentado a repetir palavras que não deveriam repetir; ou, que dê sua opinião particular acerca de um ocorrido a uma pessoa, e outra diferente opinião a outra pessoa. O diácono não deve fazer algo assim.

NÃO AMIGOS DE MUITO VINHO: Não deve ser um homem que é controlado pelo vinho, ou qualquer outra influência externa. A palavra que se traduz “**dado/apegado**” pode ser traduzida literalmente como “**entregar-se**”. O diácono deve entregar-se somente ao Senhor e ao Espírito Santo. **Deve-se notar que não se exige a abstinência total;** ainda que, se alguém o considera sábio, pode livremente escolher abster-se.

NÃO AMIGOS DE LUCROS DESONESTOS: Não deve estar muito preocupado pelo dinheiro, ou utilizar o seu ofício de diácono como uma maneira de enriquecer. O diácono ao cuidar dos pobres, órfãos, viúvas e outros necessitados do rebanho, estará envolvido no manejo de recursos. Portanto, **deve ser livre de um ímpio desejo de enriquecimento.**

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3 QUANTO AO OFÍCIO DO PRESBITERATO

3.1 Presbíteros Docentes e Presbíteros Regentes

CI/IPB, ART. 30: O Ministro do Evangelho é o oficial consagrado pela igreja, representada no Presbitério, para dedicar-se especialmente à pregação da Palavra de Deus, administrar os sacramentos, edificar os crentes e participar, com os presbíteros regentes, do governo e disciplina da comunidade.

PARÁGRAFO ÚNICO. Os títulos que a Sagrada Escritura dá ao ministro, de Bispo, Pastor, Ministro, Presbítero ou Ancião, Anjo da Igreja, Embaixador, Evangelista, Pregador, Doutor e Despenseiro dos Mistérios de Deus, indicam funções diversas e não graus diferentes de dignidade no ofício.

Na Igreja Presbiteriana sempre houve **presbíteros docentes**

(pastores), presbíteros regentes e os diáconos. Há contínuo debate acerca da relação entre presbítero docente e regente. Porém, no caso dos presbíteros, trata-se apenas um ofício. A classificação de presbíteros docentes e regentes indica duas classes do mesmo grupo de presbíteros.

Os presbíteros governam na igreja **somente através do ensino e aplicação da Palavra de Deus na vida da congregação.** Portanto, está claro que todos os presbíteros, em virtude de seu ofício, governam e ensinam. Tanto os presbíteros docentes como os regentes devem ensinar. O presbítero deve ser apto para ensinar, ou seja, deve conhecer profundamente a sã doutrina da Palavra de Deus. Deve ser hábil em comunicar a verdade de Deus de tal maneira que as pessoas sejam confrontadas com ela. Também deve estar sobremaneira dotado e equipado para que tenha a habilidade de refutar a quem contradiz a doutrina.

OUTRO PONTO A PENSAR É: Quão forte deve ser a sua aptidão para ensinar por parte do presbítero? Deve ser apto para dirigir-se a grandes multidões com intenso entusiasmo e exortação? Ou, pode o presbítero **“ser apto para ensinar”** somente em encontros individuais?

O apóstolo Paulo não dá nenhuma indicação de quão forte deve ser a aptidão do presbítero para ensinar. Assim, pois, deve permitir-se como aceitável que a mínima aptidão para ensinar seja a de comunicar a Palavra de Deus a pessoas individualmente. Todavia, é razoável que quanto maior seja o dom de ensino, o povo de Deus estará em melhor condição. Ainda que a igreja deva orar para que Deus lhe conceda homens com excepcional aptidão, não deve ter nenhuma noção precon-

cebida sobre quão forte deve ser aptidão do presbítero para ensinar. Dentre os presbíteros de uma igreja, alguns possuirão diferentes proporções do dom de ensinar **RM 12.6.**

Alguns serão capazes de eficazmente ensinar multidões. Outros somente terão a capacidade de modo efetivo de dirigir pequenos grupos. De todos os modos, todos os presbíteros devem ser aptos para ensinar. Cada presbítero deve ser julgado segundo a sua vida e ministério. A congregação deve determinar se um potencial presbítero é, ou não, apto para ensinar tão efetivamente conforme a explicação.

Há um assunto final que é necessário mencionar. É muito claro que todos os presbíteros governam e ensinam. Também está claro que nem todos governam e ensinam com a mesma força. Pois, aqui está a diferença da capacidade e habilidade entre o presbítero docente do regente. O **“presbítero docente”** é diferente do presbítero regente não porque possua um chamado, ou um ofício totalmente diferente. **O presbítero docente é separado pela igreja para pregar a Palavra em razão da excepcional força de seus dons.**

É sábio que a igreja separe certos homens excepcionalmente dotados para a tarefa, em tempo integral, da pregação e ensino da Palavra. A igreja será grandemente abençoada, se em seu meio há presbíteros que são financeiramente apoiados para que dediquem todo o seu tempo para ensinar e pregar a seu povo a verdade de Deus, que transforma a vida. Historicamente falando, esta tarefa se denominou de **“o chamado ao ministério do Evangelho”**. Na realidade, é um chamado para pregar.

É preocupante quando presbíteros docentes que foram cha-

mados por Deus para pregar a Palavra usam todo o seu tempo para organizar programas e para atuar como um apresentador de atividades do Domingo pela manhã, em vez de alimentar o rebanho com comida sólida da Palavra de Deus. O **“presbítero docente”** não é apenas um mestre da Palavra de Deus, mas é também, alguém que possui o forte dom de ser apto para pregar a Palavra de Deus com grande convicção e com um impacto benéfico sobre o povo de Deus. Aqui é onde está a raiz da diferença entre o **“presbítero docente”** e o **“presbítero regente”**, e na aptidão para pregar a Palavra de Deus.

O ofício de presbítero é somente um. Seja qual for o **“presbítero regente”**, ou, o **“presbítero docente”**, **Deus exige que o presbítero ensine as Escrituras e que exerça cuidado pastoral sobre o rebanho.** Em outras palavras, existe uma igualdade entre o **“presbítero docente”** e o **“regente”**, e ambos têm o mesmo ofício, a mesma autoridade e basicamente as mesmas responsabilidades. Todavia, alguns presbíteros, em razão da força dos seus dons e de sua aptidão para pregar, devem ser separados, ou chamados, de uma maneira especial para pregar a Palavra de Deus e, ser remunerados por seu trabalho para que eles estejam livres para desenvolver e utilizar os seus dons para maior benção da igreja de Cristo. A estes presbíteros lhes denomina **“presbíteros docentes”**.

3.2 Requisitos positivos

“Esta afirmação é digna de confiança: se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função. É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, respeitável, hos-

pitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o diabo. Também deve ter boa reputação perante os de fora, para que não caia em descrédito nem na cilada do diabo.” (1Tm 3.1-7)

IRREPREENSÍVEIS: Não deverá ter nada de indigno que se reprove num presbítero em potencial. A palavra grega literalmente significa “**ao que não se pode exigir contas**”. A idéia que comunica é que não há nada pelo qual alguém possa ser acusado para desqualificá-lo, inclusive, após uma investigação pública. Coisas que ocorreram no passado devem ser tratadas e resolvidas de maneira bíblica. A vida do presbítero deve ser um bom exemplo de moral e pureza para o grupo.

MARIDO DE UMA SÓ MULHER: Se o presbítero potencial é casado, deve caracterizar-se por uma inquestionável fidelidade a sua esposa. Se houver uma menor dúvida acerca da fidelidade a sua esposa num potencial presbítero, então, não é apto para cuidar da esposa de Cristo (a igreja). Se o potencial presbítero é solteiro, deve caracterizar-se, em seu trato com as mulheres, por uma fidelidade de seu coração e pelo conceito bíblico de matrimônio.

FILHOS SUJEITOS A ELE: Se há crianças no lar do potencial presbítero, eles devem estar claramente sob o seu controle e autoridade. Devem ser filhos crentes que estejam sendo treinados

por seus pais nas doutrinas da Palavra de Deus. O potencial presbítero deve ser um homem que entende as suas obrigações de um pai sob o pacto de Deus. Os seus filhos não devem ser acusados de dissolução ou rebeldia. Se um homem não pode pastorear o seu próprio rebanho (sua família), como poderá pastorear o rebanho de Deus?

SÓBRIO, PRUDENTE E RESPEITÁVEL: Ter domínio próprio, mente equilibrada e comportamento digno de respeito. Ter autocontrole e, antes de tudo, submissão a Palavra de Deus.

HOSPITALEIRO: Traduzindo literalmente do texto grego, o termo hospitaleiro significa “**amante de forasteiros**”. O seu lar deve ser um refúgio da graça e misericórdia de Deus para as pessoas que se encontram no desespero causado pela escravidão do pecado. A oração e a prática do presbítero devem estar acompanhadas de seu ministério de abrir o seu lar para outros. O potencial presbítero deveria orar assim: “**Oh, Senhor, que as pessoas achem salvação dentro das paredes de minha casa!**”.

APTO PARA ENSINAR: Deve conhecer a sã doutrina de Deus de uma maneira profunda. O presbítero não somente deve possuir um conhecimento pessoal da doutrina bíblica, como também deve ter a habilidade de ensiná-la. Deve ter a destreza de comunicar a verdade de Deus de tal maneira, que as pessoas sejam confrontadas com ela. Deve ser um homem de tal maneira dotado e equipado que tenha a capacidade de defender a sã doutrina dos ataques daqueles que são inimigos da fé. Deve estar na capacidade de refutar àqueles que contradizem a sã doutrina. Uma coisa é conhecer a verdade para si, mas outra coisa é ter a capacidade de explicá-la aos outros. Ainda, é algo completamente distinto ter a capacidade de defender a verdade

contra os ataques e de refutar quem a ataca.

3.3 Requisitos negativos

NÃO DEVE SER APEGADO AO VINHO: Deve ter uma compreensão séria e realista da vida. Não deve ser um “idealista” que sempre está sonhando, mas que não tem conhecimento prático que possa realizar as coisas. Todavia, deve estar comprometido com os ideais da Palavra de Deus. Deve avaliar todas as coisas à luz da Palavra de Deus e tomar os passos apropriados para obedecê-los. Não deve ser “um pessimista”. Em liderar o rebanho de Deus, não deve temer adentrar o desconhecido, nem de intentar coisas novas. Deve estar na capacidade de formular juízos sábios. Não deve ser receoso, nem tão pouco deve resistir em tomar decisões duras quando for necessário.

NEM VIOLENTO, MAS SIM AMÁVEL, PACÍFICO E NÃO APEGADO AO DINHEIRO: Que rejeita a agressividade física ou verbal e a ganância por dinheiro (ganho desonesto).

NÃO PODE SER RECÉM-CONVERTIDO: Não pode ser um recém-convertido (*neófito*). O orgulho de assumir um cargo cedo demais pode levá-lo à soberba e à queda espiritual.

BOA REPUTAÇÃO PERANTE OS DE FORA: A boa reputação com os não cristãos protege a igreja contra escândalos. Evita que o líder perca a moral para pregar e caia em armadilhas de desonra.

4

A DIVISÃO DO TRABALHO: ATOS 6.1-15

Em vez de se arriscarem a distrair-se do ministério da Palavra e da oração, os apóstolos delegaram a um grupo separado a coordenação e resolução do problema. Isso não significa uma separação em duas equipes espirituais, isto é, em time titular e um reserva.

Prova-se a importância e grandeza no ofício do diaconato:

- No caráter requerido dos indivíduos a fim de ocupá-lo (**“cheios do Espírito Santo e de sabedoria”**, v.3;
- No fato de esse procedimento facilitar o ministério da Palavra e a oração;
- No efeito de unir e fortalecer a igreja toda.

A divisão estratégica do trabalho era um sinal de força na primeira igreja, e ela sinaliza força nas igrejas atuais. Quanto a isso, os pastores **(ou diáconos)** que tentam realizar todas as tarefas acabam atrapalhando a todos.

4.1 Diáconos são amortecedores de choque

Os sete não foram usados apenas na solução de uma dificuldade que envolvia a alimentação. Sem dúvida, o alimento gerou a ocasião, mas ele não era o problema mais profundo. O problema mais profundo era a ameaça repentina à unidade da igreja.

As diferenças não se limitavam ao idioma; aquelas viúvas também compreendiam diferenças étnicas e culturais. Os Helenistas eram Judeus da Diáspora **(que viviam fora de Israel)**, que falavam grego e eram fortemente influenciados pela cultura grega. Eles haviam retornado a Jerusalém e se convertido ao cristianismo. Já os Hebreus eram Judeus locais que falavam aramaico/hebraico e seguiam estritamente os costumes palestinos tradicionais. Até os historiadores seculares da época escreveram sobre a animosidade existente entre esses grupos, apesar da religião judaica em comum.

Por isso o texto de **ATOS 6** é muito mais que uma trivialidade culinária. Os apóstolos se depararam com uma rachadura que ameaçava dividir a unidade que Cristo morreu para conquistar. Afinal, o Evangelho insiste em que nossa unidade em Cristo supere qualquer diferença mundana.

Nessa perspectiva, os diáconos devem ser os que amortecem

“ondas de choque”, não os que as reverberam. Pessoas briguentas se tornam diáconos medianos, pois eles apenas agravam o tipo de dor de cabeça que os diáconos pretendem aliviar. O diácono eficaz, por assim dizer, é muito mais que gerente de negócios ou trabalhador manual. Eles, sim, amam soluções, não dramas, e se levantam para reagir, de modo criativo e construtivo, a fim de promover a harmonia do todo.

Os presbíteros precisam de diáconos que sirvam de forma prática, e os diáconos precisam de presbíteros que os guiem em sentido espiritual.

4.2 O que os diáconos devem fazer

4.2.1 DESCOBRIR NECESSIDADES TANGÍVEIS E SUPRI-LAS

Uma igreja em que os diáconos não atuam de acordo com a Bíblia será constantemente desviada de sua missão principal, que é fazer discípulos **{MT 28.18-20}**. Essa era a intenção aparente por trás da decisão dos apóstolos de estabelecer os sete em **{ATOS 6}**.

A distribuição injusta de alimentos provocou uma reclamação séria e expôs uma falha inquietante na igreja. A resolução da tensão era importante, e mais: urgente. No entanto, os apóstolos tinham a convicção e os meios necessários para detectar uma ameaça ainda maior: enfrentar todos os problemas de curto prazo de uma vez só abriria o caminho para um desastre de longo prazo. A negligência do ministério de ensino e oração acabaria por destruir o próprio cerne da igreja.

Na verdade, o trabalho diaconal nunca deve envolver menos que o ministério de misericórdia. O princípio mais amplo da função do diácono, no entanto, inclui qualquer coisa na vida da igreja que ameace distrair e desviar os presbíteros de suas responsabilidades primárias.

Tudo isso sugere que o diácono deve ser hábil na detecção de necessidades práticas e, então, deve tomar a iniciativa de supri-las com eficiência. Contudo, os melhores diáconos não reagem apenas aos problemas presentes; eles também antecipam os problemas futuros. Eles amam pensar em soluções criativas para qualquer problema capaz de atrapalhar o trabalho dos presbíteros e o florescimento da Palavra.

Os diáconos, como linha ofensiva, raras vezes recebem atenção, muito menos crédito. Mas seu trabalho é imprescindível para a guarda e o avanço do ministério da Palavra. Sem diáconos efetivos, os presbíteros sofrerão incessantes distrações e por consequência de uma onda de demandas práticas.

Por isso que o caráter, ainda que seja o principal, não é tudo. Um membro piedoso que sempre se cansa com facilidade, ou nunca responde as chamadas, ou precisa de que lhe digam muitas vezes o que fazer, não é uma boa opção para o ofício.

4.2.2 PROTEGER E PROMOVER A UNIDADE DA IGREJA

Uma forma de discernir se um candidato a diácono está “pronto” para o papel é simplesmente considerar se seu reflexo é facilmente visto em versículos como os seguintes:

“Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.” (Mt 5.9)

Diácono, você apenas afirma a beleza da paz ou você a planeja?

“As outras pessoas o despreveriam como alguém que busca a paz e a persegue” (Sl 34.14)

“A sabedoria do homem lhe dá paciência; sua glória é ignorar as ofensas.” (Pv 19.11)

Diácono, você é capaz de deixar as coisas seguirem seu curso? O autocontrole é a marca de suas respostas às inevitáveis divergências com outras pessoas ou você está inclinado a tratar cada questão como se fosse uma emergência eclesial?

“Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês, e, sim, que todos estejam unidos num só pensamento e num só parecer.” (1Co 1.10)

Evitar divisões é algo bom; antecipar-se e frustrar tal tendência em outras pessoas é ainda melhor.

“O que eu rogo a Evódia e também a Síntique é que vivam em harmonia no Senhor.” (Fp 4.2):

Todo cristão, mas em especial os diáconos, devem estar entre os primeiros a dar forma a esse tipo de reação **“vamos entrar em acordo”**. A questão não é suprimir quem Deus o fez ser, jamais expressar sua opinião ou evitar todo desacordo. Isso é chamado uniformidade e consiste na essência das seitas. A marca das igrejas saudáveis é a unidade – que é algo mais

bagunçado e mais belo que a mera homogeneidade. Diáconos devem estar na linha de frente para a unidade.

4.2.3 TRABALHO CONJUNTO

Como incentivamos os diáconos a serem unidades construtoras e empreendedoras sem usurpar a liderança eclesial dos presbíteros e, assim, causar desunião? Uma boa investida é na comunicação. A maior parte dos ministérios diaconais, pelo menos às vezes, vai se chocar contra as decisões diretivas que precisam ser tomadas pelos presbíteros. Uma boa opção é designar cada diácono a um presbítero que comunica regularmente as decisões dos presbíteros em suas reuniões. Os presbíteros podem então, conforme a necessidade, levar de volta as questões diretivas do trabalho diaconal ao Conselho.

É fundamental enfatizar também que os diáconos mais eficientes não fazem tudo sozinhos. Eles são mobilizadores. Portanto, ao esquadrihar diáconos qualificados na igreja, não procure apenas pessoas que trabalham muito. Procure quem vai organizar o serviço com fidelidade, e não quem fará tudo sozinho.

4.2.4 O QUE OS DIÁCONOS FORNECEM

Como você notará, o serviço diaconal fiel não costuma ser algo épico ou extraordinário. Pelo menos não parece assim aos olhos humanos caídos. Mas não se engane: o poder do Deus Todo-Poderoso percorre o ministério dos diáconos. Ainda que seu trabalho seja silencioso, até mesmo sutil, eles são instrumentos indispensáveis para o avanço do reino de Jesus Cristo.

Muitos diáconos se sentem com pouca energia e sem incentivo,

esvaziados completamente de motivação e alegria. Porém, o trabalho dos diáconos não é glorioso por ser sempre notado **(muitas vezes ele não é)**. Nem é glorioso por ser sempre gratificante **(muitas vezes isso não ocorre)**. Em última instância, o trabalho é glorioso em virtude do que ele espelha.

Jesus os chamou e disse: ‘Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Pelo contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos’. (Mc 10.42-45)

O mundo sempre mediu a grandeza pelo padrão de serviço que alguém recebe, não pelo que oferece. Mas Jesus reverte radicalmente nossa lógica decaída. **“Ele não faz mudanças ou ajustes sutis em um sistema bem consolidado”**, observa certo teólogo. **“Ele [vira] a coisa toda de cabeça para baixo ao transformar [...] o primeiro em último e o último em primeiro”**. E como ele faz isso? Como ele inaugura os padrões que subvertem o modo de o mundo agir? Ele o faz mediante uma demonstração. Ele **“diacona”**. Dê grande valor a essa palavra: ela procede do cerne do evangelho.

Em antecipação à sua última refeição com os discípulos **(Lc 22.7-30)**, Jesus fez arranjos para deixar a sala e a refeição pronta. Ao entrar pela porta naquele fim de tarde, os discípulos não se surpreendem com o cheiro de comida que procedia da mesa. Nem ficam surpresos ao ver uma toalha e uma bacia com água no chão. Havia apenas uma omissão gritante: Onde estava

o servo? A última coisa que eles esperariam ver no mundo seria seu grande mestre se ajoelhar, assumir a postura e o papel de um insignificante – um escravo – a fim de lhes limpar os pés imundos. Mas ele o fez! Então, de maneira bastante previsível, aparentemente antes de os pés deles se secarem por completo, irrompe uma discussão sobre quem seria o maior discípulo. Jesus interrompe a discussão patética:

“Pois quem é maior: quem está à mesa ou o que serve [diakonōn]? Não é o que está à mesa? Mas eu estou entre vocês como o que serve [diakonōn]” (Lc 22.27).

Tim Keller extrai duas implicações acerca do trabalho diaconal a partir desse relato. Suas palavras são contundentes:

Primeiro, Jesus lavou os pés dos discípulos apesar de sua morte ser iminente. A ira de Deus estava para ser derramada sobre Jesus, e ele sentia o tremendo peso disso mesmo durante a ceia. Quando estamos sofrendo, curvados sob um fardo de preocupações, será que olhamos ao redor e notamos que há pessoas cujos pés precisam ser lavados? Tentamos descobrir pequenas maneiras de servir ao próximo? Não! Em geral, mergulhamos em nossas tribulações e esperamos que os outros cuidem de nós. [...] O servo de verdade não arruma desculpas: **“Quando minha vida entrar nos eixos, quando a depressão passar, quando minha agenda ficar mais livre, então vou servir aos outros”**. Talvez você esteja sofrendo e até sinta raiva porque ninguém percebe. Mas qual seria a sua situação se Jesus agisse como você?

Segundo, Jesus serviu aos discípulos apesar de eles não merecerem. Observe que João deixa claro que Jesus sabia que o trai-

dor estava presente **{JO 13.2,10}**. Jesus conhecia bem todos os discípulos – um iria traí-lo, outro iria negá-lo e todos fugiriam! Quando Jesus mais precisasse deles, os discípulos o abandonariam. Um daqueles pares de pés ficara sujo e cansado depois de ter andado atrás da tortura e morte de Jesus. E Jesus, o que fez? Lavou aqueles pés.

4.2.5 O MINISTÉRIO DIACONAL CONTÍNUO DE CRISTO

O ministério terreno de Jesus era poderoso em palavras e atos (**Lc 24.19**), e ele continua essa dupla abordagem (**palavra e atos**) hoje em grande parte por meio dos ofícios de presbítero e diácono. **“Cristo cuida de sua igreja por meio dos oficiais que ele escolhe”**.

Ao cuidar dos feridos, os diáconos funcionam como as mãos e os pés de Cristo para o mundo carente de seu toque. À medida que eles discernem e atendem às necessidades práticas, os diáconos refletem o Salvador que tomou a iniciativa absoluta de atender às nossas necessidades mais profundas. E, ao agir como **“amortecedores de choques”**, que protegem a igreja e promovem sua unidade, os diáconos satisfazem Àquele que orou por ela **{JO 17.21,22}** e verteu seu sangue a fim de salvá-la **{EF 2.11-22}**. **“Cristo se tornou servo [diakonos]”** **{RM 15.8; FP 2.3-11}**.

Não há exemplo mais perfeito de serviço abnegado do que o Daquele que deixou o céu quando poderia ter ficado, e permaneceu na cruz quando poderia ter partido **{JO 15.13}**.

Portanto, levantem seus olhos do trabalho ordinário e direcio-

ne-os ao Messias. Veja-o a tocar mãos sujas, lavar pés imundos, servir a pecadores ingratos e renunciar, por fim, à sua vida em favor de quem ele ama. O formato do serviço diaconal como um todo encontra o modelo e a missão na vida de seu Salvador.

Diácono, seu ofício tem data de validade, mas sua condição de servo do Rei jamais findará. Por que deveria? A vida a serviço dele consiste na liberdade perfeita. Seu papel atual de diácono é apenas um estágio para o futuro eterno em que você o verá a face, com todos os seus servos, para todo o sempre.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5 PROCEDIMENTO BÍBLICO

O processo utilizado para conseguir homens que sirvam como presbíteros e diáconos na igreja local é essencial para promover uma eleição de homens piedosos que cuidem da igreja de Cristo, tal como Cristo requer. Esta é a razão pela qual a congregação não deve empreender este processo de qualquer modo, ou de maneira negligente. O apóstolo Paulo adverte que:

“Não se precipite em impor as mãos sobre ninguém e não participe dos pecados dos outros. Conserve-se puro.” (1Tm 5.22)

Quando a congregação seleciona oficiais de modo apressado, aumenta a probabilidade de que os eleitos não sejam chamados por Deus para servirem no ofício para o qual foram escolhidos pela igreja local. A ênfase que sempre deve ter em mente é de que,

ao selecionar oficiais, a congregação se envolve numa atividade da mais solene e espiritual. A pergunta que deve estar diante da congregação é: quais homens da nossa congregação, se é que há, Deus equipou e chamou para servir como oficiais? Para descobrir quem são estes homens a congregação deve buscá-los cuidadosamente e em oração, segundo os princípios firmados na Bíblia. Este procedimento nunca deve ser feito de modo indiferente [*ou como não se fosse de grande importância*].

“Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue.” (At 20.28)

5.1 Princípios para a seleção de oficiais

Então como deve a igreja realizar a tarefa de selecionar os oficiais a quem Deus chamou e equipou? Há alguns princípios que devemos ter em mente durante o processo de eleger oficiais.

5.1.1 DEUS CONCEDEU UM GOVERNO PARA A IGREJA.

A congregação deve estar consciente do fato de que Deus não deixou a sua igreja sem a liderança adequada, que ela necessita para cumprir com a missão que Ele confiou a ela. Cristo subiu aos céus e levou cativo um grande exército de homens dos quais Ele é proprietário por direito de havê-los redimido, e que dentro desta multidão de cativos, Cristo selecionou alguns para dar-lhes como dons para a igreja:

“e ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.” (Ef 4.11-12).

Alguns dos redimidos foram escolhidos por Cristo para servir na igreja na posição de pastores e mestres. Portanto, a igreja pode descansar confiante de que o Senhor proverá, dentre os homens da congregação, a liderança necessária.

Quando uma congregação entra no processo de eleger oficiais com esta convicção fundamental, esta eleição será mais cuidadosa e diligente para selecionar aqueles a quem Cristo chamou.

5.1.2 OS HOMENS DA IGREJA DEVEM DESEJAR SERVIR A CRISTO E A SUA IGREJA.

Aos homens da congregação devem ser ensinados que almejem serem usados ao máximo grau possível no serviço do Senhor Jesus Cristo e a sua igreja. Cada homem deve considerar em oração se seu Senhor o equipou para servir como um oficial, ou se seu Senhor o está chamando para esta tarefa. Um sentido de chamado é de muitíssima importância quando se está tratando de determinar se deve ou não buscar um ofício na igreja. Se um irmão chega à convicção pessoal de que o Senhor o está chamando para servir como um oficial e que Ele o equipou para fazê-lo, então, ele deve declarar aos líderes e para a congregação que aspira ao ofício de presbítero, ou de diácono.

Assim, pois, em Paulo declara:

“fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja.” (1 Tm 3.1)

O possível oficial não é aquele que nunca em sua vida pensou servir a Cristo e a sua igreja na posição de um oficial até o momento em que alguém o indica para tal ofício. Ao contrário, deve ser aquele que busca ser benefício e benção para o corpo de Cristo no exercício de seus dons, enquanto que em oração está discernindo o chamado de Deus para a sua vida.

A congregação deve eleger homens que estão convencidos, ou no processo de serem convencidos em seus próprios corações e mentes que o Senhor Jesus os está chamando para servir em sua igreja com esta capacitação. Eleger um homem para um ofício da igreja que nunca considerou os seus próprios dons e chamado, e a quem nunca esteve envolvido em servir aos membros da congregação, é por demais atrevimento. É esperado que o possível oficial esteja orando acerca de sua utilidade para a igreja de Cristo e esteja tratando de envolver-se em servir ao corpo de crentes.

O apóstolo Paulo orienta aos homens a pensar em termos de se Deus os utilizará ou não nesta capacidade, quando diz: **“fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja”**. Não há nada inerentemente mau que alguém **“deseje”** um ofício na igreja. Não é um sinal de arrogância, e sim um sinal de que tal irmão está humildemente buscando a vontade de Deus acerca do serviço na igreja de Cristo. A palavra **“desejar, ou aspirar”** significa o **“estender a mão para colher algo”**. A motivação para esta aspiração é extremamente importante.

Não deve ser aceito que este irmão busque a honra dos homens, ou o suposto prestígio da posição, pelo contrário, que procure servir à igreja de Cristo e promover a glória do seu Senhor.

E, ainda que um homem se convença de que o Senhor o chamou para servir à igreja como oficial, este deve submeter-se a uma avaliação dos líderes da igreja e dos membros da congregação. É aqui onde eles afirmam, ou não as suas convicções. Ninguém que não tenha a confirmação da igreja deve entrar no ofício da igreja.

5.1.3 QUESTIONÁRIO PARA CANDIDATOS AO OFICIALATO

Sugere-se o preenchimento pelo pré-candidato ao oficialato do questionário abaixo e posterior recepção e análise pelo Conselho da igreja.

ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA IGREJA PRESBITERIANA CIDADE NOVA QUESTIONÁRIO PARA CANDIDATOS AO OFICIALATO

Querido irmão, você está sendo convidado para participar da Assembleia Geral Extraordinária da igreja, no dia 04 de Outubro de 2026, as 9h, como pré-candidato a uma vaga de oficial (*especificar se Presbítero ou Diácono) da Igreja Presbiteriana Cidade Nova. Para tanto, em cumprimento a Resolução do Conselho, lhe apresentamos o questionário abaixo, que antes de responder, deve diante de Deus, orar e fazer com temor e tremor:

1ª PERGUNTA Você é maior de 18 anos, e membro da IPCN a mais de um ano?

2ª PERGUNTA Você é dizimista? Se não, por quê?

3ª PERGUNTA Você participa regularmente dos trabalhos da igreja e suas sociedades internas? Em qual delas sente-se mais ativo?

4ª PERGUNTA Você é aluno assíduo da Escola Bíblica Dominical? Se não, por quê?

5ª PERGUNTA Você é pontual nos horários do início dos cultos e eventos da Igreja? Se não, por quê?

6ª PERGUNTA Quais os trabalhos da Igreja, que durante a semana, você é frequentador assíduo?

7ª PERGUNTA Você aceita as doutrinas da Predestinação, Batismo infantil e a inerrância das Sagradas Escrituras?

8ª PERGUNTA Você aceita o Governo da Igreja Presbiteriano do Brasil?

9ª PERGUNTA Você é casado, noivo ou está namorando? Como você descreve sua convivência familiar e seu relacionamento afetivo?

10ª PERGUNTA Você já falou com sua esposa, noiva ou

namorada sobre sua decisão de concorrer para o oficialato da Igreja? O que ela pensa a respeito?

11ª PERGUNTA Essa pergunta é para a sua esposa, noiva ou namorada: A irmã vê em seu esposo, noivo ou namorado chamado para ocupar o ofício de Presbítero ou Diácono na IPCN? Se não, e se possível responder em poucas linhas, por quê?

12ª PERGUNTA Essa pergunta é para a sua esposa, noiva ou namorada: A irmã está preparada para aceitar, junto com seu esposo, noivo ou namorado, as responsabilidades do oficialato, onde haverá momentos de renúncia do tempo familiar para o exercício do oficialato do seu esposo, noivo ou namorado?

Declaro diante de Deus, que respondi o questionário acima expressando a verdade sobre a minha pessoa e comportamento.

Santa Bárbara d'Oeste, ____/____/____

Assinatura _____

Nome: _____

Do Pré-candidato

Assinatura _____

Nome: _____

Da Esposa, noiva ou namorada.

5.2 A instrução da congregação.

A congregação deve receber a instrução acerca dos requisitos e caráter dos homens a quem Cristo quer que sejam os pastores e diáconos de sua igreja. Pois a congregação tem a responsabilidade de selecionar dentre os seus próprios membros, é essencial que eles sejam treinados para reconhecer àqueles que foram chamados e dotados por Deus.

Se não pode reconhecê-los, é porque não sabem o que devem

buscar, e inevitavelmente empregarão falsos critérios para escolher os oficiais. Frequentemente as igrejas elegem oficiais com base em sua posição social na comunidade ou, por exemplo, se empresário. Se forem usados estes critérios não bíblicos, já dissemos, serão eleitos homens que Deus não chamou nem mesmo equipou. Enquanto muitos membros da igreja chegam a se convencer que um indivíduo tem os dons e que os utilizará no ministério da igreja, eles devem comunicar as suas convicções a esta pessoa, e também a liderança em exercício da igreja. Isto equivale a propor a este irmão como candidato para o ofício.

5.3 O Conselho pode propor a eleição e ordenação de seus oficiais.

Quando a igreja claramente reconhece que há vários homens que são chamados e com dons dados por Deus para servir como oficiais na igreja, o Conselho pode propor a sua eleição e ordenação. O procedimento específico para que o processo chegue a materializar-se, geralmente, é uma variação de cinco aspectos: indicação de candidatos, treinamento, exame, eleição e a ordenação.

5.3.1 A INDICAÇÃO DE CANDIDATOS.

Quando um membro da congregação está convencido que um irmão está exercendo os seus dons na igreja para o seu bem, seja como um servo nas obras de misericórdia (**Diacono**), ou como mestre e supervisor das necessidades espirituais (**Presbítero**), então, tal membro que observou isto na vida de seu irmão, deve comunicar a sua convicção de que ele pode ser

um oficial. Ao fazer isto, é equivalente a propor-lhe que aceite ser um candidato para o ofício em questão. Todavia, isto ainda não seria uma proposta formal. Cada igreja estabelece dentro de sua forma de governo um método, ou procedimento para receber formalmente propostas de candidatos dentre os membros da congregação.

Quando se marca a data para receber as propostas de candidatos, então, tem que animar aos membros da congregação a dar, formalmente, o nome de um irmão que crêem ser adequado para ser um de seus líderes. Então, ele será examinado pelo Conselho dentro das datas apresentadas para a igreja.

5.3.2 O TREINAMENTO DOS CANDIDATOS

Após serem recebidos os nomes dos candidatos, inicia-se um período de treinamento de parte dos líderes da igreja **(que é o Conselho e da Junta Diaconal)**. Durante este tempo requer-se dos vários candidatos um período de capacitação a fim de familiarizá-los com os assuntos doutrinários específicos, assuntos do sistema constitucional e do governo da igreja. Não há nada de errado com este procedimento, mas necessitamos de uma palavra de advertência a respeito desta prática.

PRIMEIRO: não há uma quantidade de treinamento que faça de um homem um diácono, ou um presbítero. Somente Deus equipa aos homens para servir como diáconos ou presbíteros da igreja. Em **{AT 20.28}** Paulo exorta aos presbíteros da igreja de Éfeso, dizendo: **“atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos [ou supervisores] ...”**. Se o próprio Senhor não equipou, nem deu dons

a alguém para desempenhar um ofício, não há quantidade de treinamento que possa convertê-lo num oficial. Por esta razão é muito importante que as congregações reconheçam e aos homens dentre os irmãos, a quem Deus deu dons para o ofício.

SEGUNDO: ninguém deve eleger um oficial para a igreja e só depois capacitá-lo para o ofício. Isto seria fazer o contrário ao que determina as Escrituras. Um irmão deve ser indicado ao ofício de presbítero ou diácono porque é percebido por vários membros da congregação que ele desempenha tal capacidade. Essa é a razão para se propor a candidatura. Não pode se propor com base nalguma suposta utilidade para a igreja, sobre suposição que este irmão chegará a ser o que deve ser durante o exercício do ofício.

Quando terminar o período de treinamento, cada um dos candidatos deve ser encaminhado para o Conselho, a fim de serem avaliados, e para garantir de que cumpram os requisitos. O testemunho pessoal dos candidatos deve ser claro, o conhecimento das Escrituras por parte do candidato deve ser profundo, a sua compreensão das doutrinas de nossa fé reformada também deve ser consistente.

5.3.3 O EXAME DOS CANDIDATOS.

O candidato, como disse o apóstolo Paulo em **{TT 1.9}**, deve ser **“apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem”**. O propósito do exame é garantir que os candidatos que exercerão o ofício de supervisão na igreja cumpram com os requisitos estabelecidos nas Escrituras. Os candidatos que reúnem os requisitos e passem

no exame, devem então, ser apresentados como aptos para serem eleitos pela congregação.

5.3.4 A ELEIÇÃO

Depois de completado o exame, entra o momento da eleição. Este é o tempo em que os líderes apresentam os candidatos que completaram a avaliação com êxito. Todavia, isto não significa que estes candidatos serão automaticamente eleitos para o ofício para o qual foram indicados.

A eleição de oficiais da igreja é a oportunidade para que cada membro da congregação expresse a sua convicção quanto à vontade de Deus para cada candidato. Cada membro, numa atitude de oração, deve chegar à convicção a respeito da vontade de Deus para com os candidatos apresentados. Quando ocorre a votação, a congregação põe em evidência a sua vontade coletiva acerca de cada candidato proposto. É necessário um controle deste procedimento, pois nenhum membro da igreja deve ditar a igreja quem deve ser seus oficiais. Ao contrário, cada membro dá o seu voto de consciência, e logo, tem que estar disposto a submeter-se aos seus demais irmãos com respeito ao resultado da eleição.

5.3.5 A ORDENAÇÃO.

Concluída a eleição dos oficiais, então, os líderes da igreja devem determinar a data de ordenação dos eleitos em seus respectivos ofícios. Geralmente, os presbíteros ordenam os escolhidos durante um culto de adoração. Como dissemos anteriormente, ninguém assume a um ofício na igreja mediante o automeamento. Pelo contrário, os que foram indicados,

treinados, examinados e eleitos devem ser chamados ao seu ofício de supervisão da igreja. Eles têm que serem separados dentre os membros da congregação para o ofício mediante a imposição de mãos e oração na presença do povo de Deus que os reconhece como homens de Deus concedidos à congregação pelo próprio Deus.

Este processo poderia parecer longo e tedioso para alguns, mas se uma congregação o faz fielmente, e com atitude de oração, resultará ser uma fonte de benção para esta congregação. Assim, mediante isto, a congregação descobre os homens de Deus dentre os seus membros, e neles encontrarão uma grande e abundante provisão de uma liderança piedosa para eles, a qual fará a igreja forte e eficaz para os muitos anos vindouros.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

6 CONSTITUIÇÃO INTERNA/IPB

Segue alguns artigos da CI/IPB que abordam situações com diáconos e presbíteros. Para um conhecimento mais profundo (**inclusive pelas notas de rodapé que não constam neste material**), recomenda-se leitura completa da CI/IPB.

ART. 9 A assembleia geral da igreja constará de todos os membros em plena comunhão e se reunirá ordinariamente, ao menos uma vez por ano, e, extraordinariamente, convocada pelo Conselho, sempre que for necessário, regendo-se pelos respectivos estatutos.

§ 1º Compete à assembleia:

a) eleger pastores e oficiais da igreja;

ART. 10 A presidência da assembleia da igreja cabe ao pastor e, na sua ausência ou impedimento, ao Pastor Auxiliar, se houver.

Parágrafo único. Na ausência ou impedimento dos pastores caberá ao Vice-Presidente do Conselho assumir a presidência da assembleia.

ART. 25 A igreja exerce as suas funções na esfera da doutrina, governo e beneficência, mediante oficiais que se classificam em:

- a) ministros do Evangelho ou presbíteros docentes;
- b) presbíteros regentes;
- c) diáconos.

§ 1º Estes ofícios são perpétuos, mas o seu exercício é temporário.

§ 2º Para o oficialato só poderão ser votados homens maiores de dezoito anos e civilmente capazes.

ART. 26 Os ministros e os presbíteros são oficiais de concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil; os diáconos, da igreja a que pertencem.

ART. 27 O ministro é membro ex officio do Presbitério, e do Conselho, quando pastor da igreja; do Sínodo e do Supremo Concílio, quando eleito representante; o presbítero é membro ex officio do Conselho e dos concílios superiores, quando eleito para tal fim.

§ 1º Ministros e presbíteros, embora não sendo membros de um concílio, poderão ser incluídos nas comissões de que trata o art. 99, itens 2 e 3, desde que jurisdicionados por aquele concílio.

§ 2º Para atender às leis civis, o ministro será considerado membro da igreja de que for pastor, continuando, porém, sob a jurisdição do Presbitério.

ART. 28 A admissão a qualquer ofício depende:

- a) da vocação do Espírito Santo, reconhecida pela aprovação do povo de Deus;
- b) da ordenação e investidura solenes, conforme a liturgia.

ART. 29 Nenhum oficial pode exercer simultaneamente dois ofícios, nem pode ser constrangido a aceitar cargo ou ofício contra a sua vontade.

ART. 50 O Presbítero Regente é o representante imediato do povo, por este eleito e ordenado pelo Conselho, para, juntamente com o pastor,¹⁵³ exercer o governo e a disciplina e zelar pelos interesses da igreja a que pertencer, bem como pelos de toda a comunidade, quando para isso eleito ou designado.

ART. 51 Compete ao presbítero:

- a) levar ao conhecimento do Conselho as faltas que não puder corrigir por meio de admoestações particulares;

- b) auxiliar o pastor no trabalho de visitas;
- c) instruir os neófitos, consolar os aflitos e cuidar da infância e da juventude;
- d) orar com os crentes e por eles;
- e) informar o pastor dos casos de doenças e aflições;
- f) distribuir os elementos da Santa Ceia;
- g) tomar parte na ordenação de ministros e oficiais;
- h) representar o Conselho no Presbitério, este no Sínodo e no Supremo Concílio.

ART. 52 O presbítero tem, nos concílios da igreja, autoridade igual a dos ministros.

ART. 53 O diácono¹⁵⁸ é o oficial eleito pela igreja e ordenado pelo Conselho, para, sob a supervisão deste, dedicar-se especialmente:

- a) à arrecadação de ofertas para fins piedosos;
- b) ao cuidado dos pobres, doentes e inválidos;
- c) à manutenção da ordem e reverência nos lugares reservados ao serviço divino;
- d) exercer a fiscalização para que haja boa ordem na Casa de Deus e suas dependências.

ART. 54 O exercício do presbiterato e do diaconato limitar-se-á ao período de cinco anos, que poderá ser renovado.

§ 1º Três meses antes de terminar o mandato, o Conselho fará proceder a nova eleição.

§ 2º Findo o mandato do presbítero e não sendo reeleito, ou tendo sido exonerado a pedido, ou, ainda, por haver mudado de residência que não lhe permita exercer o cargo, ficará em disponibilidade, podendo, entretanto, quando convidado:

- a) distribuir os elementos da Santa Ceia;
- b) tomar parte na ordenação de novos oficiais.

ART. 55 O presbítero e o diácono devem ser assíduos e pontuais no cumprimento de seus deveres, irrepreensíveis na moral, são na fé, prudentes no agir, discretos no falar e exemplos de santidade na vida.

ART. 56 As funções de presbítero ou de diácono cessam quando:

- a) terminar o mandato, não sendo reeleito;
- b) mudar-se para lugar que o impossibilite de exercer o cargo;

- c) for deposto;
- d) ausentar-se, sem justo motivo, durante seis meses, das reuniões do Conselho, se for presbítero, e da Junta Diaconal, se for diácono;
- e) for exonerado administrativamente ou a pedido, ouvida a igreja.

ART. 57 Aos presbíteros e aos diáconos que tenham servido satisfatoriamente a uma igreja por mais de vinte e cinco anos, poderá esta, pelo voto da assembleia, oferecer o título de Presbítero ou Diácono Emérito, respectivamente, sem prejuízo do exercício do seu cargo, se para ele forem reeleitos.

Parágrafo único. Os presbíteros eméritos, no caso de não serem reeleitos, poderão assistir às reuniões do Conselho, sem direito a voto.

ART. 58 A Junta Diaconal dirigir-se-á por um regimento aprovado pelo Conselho.

ART. 68 Só poderão tomar assento no plenário dos concílios os que apresentarem à Mesa as devidas credenciais juntamente com o livro de atas, relatório e estatística das respectivas igrejas, no caso de Presbitério; as credenciais, os livros de atas e o relatório do concílio que representarem, quando se tratar de Sínodo ou do Supremo Concílio.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional – NVI. São Paulo: Editora Vida, 2026. Disponível em: www.bibliaonline.com.br/nvi. Acesso em: 14/05/2026.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. Manual Presbiteriano: Constituição, Código de Disciplina, Princípios de Liturgia e Regimento Interno do Supremo Concílio. Edição com notas remissivas. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2024.

NASCIMENTO, ADÃO C. Manual do Presbítero. Santa Bárbara d'Oeste. Z3 Editora, 2025.

SMETHURST, MATT. 9 Marcos construindo igrejas saudáveis: Diáconos. São Paulo. Vida Nova, 2022.

TOKASHIKI, REV. Ewerton B. Como selecionar os Presbíteros e Diáconos. Porto Velho: Primeira Igreja Presbiteriana de Porto Velho, 2014.

